



EDIÇÃO 15 – 1º SEMESTRE DE 2013  
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 30/06/2013  
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/07/2013



## O PROCESSO DE AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM ORAL E ESCRITA: UM OLHAR SOB A PERSPECTIVA PEDAGÓGICA

Hugo Augusto Turaça Leandro (UFMS)  
Taís Turaça Arantes (UEMS)  
Nataniel dos Santos Gomes (UEMS)

**Resumo:** O presente estudo tem por objetivo compreender o processo de aquisição da linguagem oral e escrita na infância, como uma prática coerente para a apropriação da linguagem pela criança. E a partir disso o uso que a criança faz no seu dia a dia nas práticas sociais que vive e compartilha com outras pessoas. A pesquisa feita tem caráter bibliográfico com embasamento teórico nos autores: Rego (1995), Vygotsky (1998), Oliveira (2005), Kramer (1993), Souza (1999-2006), entre outros autores. Todos possibilitaram o esclarecimento de dúvidas existentes e auxiliaram no entendimento de que a Educação Infantil está em um processo histórico de afirmação. Sendo suas concepções de criança, leitura e escrita, bastante recente. O artigo foi dividido em 3 tópicos. No primeiro será discutido, de forma sucinta, a visão de infância. No segundo tópico a visão das instituições de ensino com relação a criança. No terceiro, o pensamento e linguagem na perspectiva de Vygotsky. Chegamos a algumas considerações que nos levaram a acreditar que a construção do pensamento e da linguagem ocorrem de acordo com a cultura e a sociedade na qual está inserida a criança. Assim, entendendo que o processo de letramento deve começar muito cedo, respeitando porém, o tempo de aprendizagem de cada criança.

**Palavras-chave:** Leitura, escrita, infância.

**Abstract:** This study aims to understand the process of acquisition of oral and written language in childhood, as a consistent practice for the appropriation of language by the child. And from that, the using what the child do in your day to day social practices that lives and share with others. A bibliographical survey has with the theoretical authors: Rego (1995), Vygotsky (1998), Oliveira (2005), Kramer (1993), Souza (1999-2006), among other. All authors made possible the clarification of doubts and helped in the understanding that early childhood education is in a historical process of affirmation. Being their conceptions of children, reading and writing, fairly recent. The product was divided into three threads. The first will be discussed briefly, the vision of childhood. In the second topic vision of educational institutions regarding the child. The third, the thought and language in the perspective of Vygotsky. We arrived a few considerations that led us to believe that the construction of thought and language occur in accordance with the culture and society in which the child is placed. Thus, understanding the literacy process must begin very early, while respecting, learning time for each child.

### Introdução



EDIÇÃO 15 – 1º SEMESTRE DE 2013  
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 30/06/2013  
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/07/2013



Este texto é voltado para a discussão da escrita na infância, ou seja, discute-se muito sobre como deve ser o processo de aquisição da linguagem oral e escrita. O embasamento teórico dessa pesquisa aponta que a linguagem se constitui como parte substancial na construção de mundo de cada ser humano, a ela está ligada várias análises e estudos de atualidade, sendo que uma de suas vertentes de atuação é a escrita. Aprender a ler e escrever torna-se fundamental na formação da indivíduo social, pois sua valorização enquanto sujeito está submetido as suas capacidades orais e escritas.

De acordo com o Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil (BRASIL, 1998, V3, p. 117), vale mencionar que:

A aprendizagem da linguagem oral e escrita é um dos elementos importantes para as crianças ampliarem suas possibilidades de inserção e de participação nas diversas práticas sociais. O trabalho com a linguagem se constitui um dos eixos básicos na educação infantil, dada sua importância para a formação do sujeito, para a interação com as outras pessoas, na orientação das ações das crianças, na construção de muitos conhecimentos e no desenvolvimento do pensamento.

Todos estes aspectos da linguagem escrita são relevantes e complexos por si próprios e, para professores da infância, não devem, de forma alguma, ser negligenciadas, pois o conhecimento da criança e dos processos de decodificação da escrita, bem como da leitura de signos, relacionando os sinais impressos, aos sons da linguagem e seus significados formam uma etapa importante da formação do indivíduo que será discutida ao longo do artigo.

## **1. Sentimento de infância**

Antes de adentrarmos na questão da aquisição da linguagem oral e escrita, é necessário compreender que o sentimento de infância como o temos hoje é bastante recente no que diz respeito a escritos e estudos. Tal sentimento resultam da necessidade de se pensar a criança e sua formação, já que a Idade Moderna trouxe aos homens caminhos complexos, que abriram possibilidades de pensamentos sobre a realidade da infância. Nesta perspectiva afirma Kuhlmann ( 2004, p. 21):

[...] A realidade social e cultural da infância resulta decididamente mais complexa: primeiramente, articulada em classes, com a presença de ao menos três modelos de infância convivendo ao mesmo tempo: de outro lado, é um percurso que vai da codificação do cuidado à mitificação da infância. Enfim, no interior desse crescimento esquizofrênico da importância e do valor da infância, permanece a rejeição da sua alteridade – isto é, da sua diversidade-diferença, do seu anarquismo e da sua libido, perverso-polimorfa, do escândalo que provoca pela sua ligação muito forte com a natureza e a sua distância-estranheza em relação à cultura.

Entender este sentimento moderno da infância, não nega a existência de outros sentimentos anteriores a este, o próprio Kuhlmann (2004, p.22) em um estudo aprofundado sobre a história da educação infantil, complementa da seguinte forma:

O sentimento de infância não seria inexistente em tempos antigos ou na Idade Média, como estudos posteriores mostraram. Em livro escrito pelos historiadores Pierre Riché e Daniele Alexandre-Bidon, por ocasião de uma mostra na Biblioteca Nacional francesa, em 1994, fartamente ilustrado com pinturas e objetos, arrolam-se os mais variados testemunhos da existência de um sentimento da especificidade da infância naquela época.

Porém, há maiores informações sobre as infâncias burguesas e aristocráticas, do que sobre as crianças pobres, as fontes que privilegiaram estas informações apresentam uma infância romântica e cercada de cuidados maternos, alcançadas pelas preocupações de educadores, como os que escreveram sobre a infância e influenciaram métodos e tendências.

Segundo Kuhlmann (2004, p.24):

As infâncias burguesa e aristocrática são muito mais conhecidas: os tratados de medicina e de educação, a correspondência privada, os retratos de família, deixaram numerosos traços indicadores destas atitudes, dos cuidados, da educação e dos sentimentos. Essas fontes mostram que a infância privilegiada recebeu mais atenção com o estímulo à maternidade, com remodelação do espaço doméstico, com os novos métodos pedagógicos, em substituição ao ensino pelas lágrimas da palmatória.

Já as crianças mais pobres eram, segundo Kuhlmann (2004, p. 25), atendidas pelas medidas assistenciais religiosas ou políticas e estão dispostas nos estudos sobre assistência, e não sobre educação:

A grande quantidade de trabalhos sobre a história da assistência à criança pobre, atualmente, evidencia tanto uma preocupação com o tema, sinal da sua historicidade, quanto a existência de um volume significativo de fontes capazes de alimentar essas pesquisas. Além dos tratados, da legislação, dos relatórios, encontram-se também históricos como o da roda das expostas da Santa Casa de Misericórdia de Salvador, escrito em 1862. A historiografia da assistência à infância é parte da própria história das instituições assistenciais.



EDIÇÃO 15 – 1º SEMESTRE DE 2013  
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 30/06/2013  
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/07/2013



Assim, conhecer as diferentes concepções acerca da infância, suas construções históricas e suas limitações, possibilitam ao professor encontrar diferentes caminhos abertos para os quais as possibilidades do indivíduo aprender são variadas.

Os fatores que colaboram nas transformações das capacidades psicológicas do indivíduo são de extrema importância para a compreensão da apropriação das linguagens utilizadas pelo sujeito. Uma das correntes que acrescentam ao conhecimento dos educadores de infância da atualidade vem do pensamento social, de Lev Vygotsky, pensador russo que trouxe a concepção de que não há uma essência humana, segundo Oliveira (2005, p. 137) há na concepção de Vygotsky “uma construção do homem em sua permanente atividade de adaptação a um ambiente”, pensando que a criança ao mesmo tempo que modifica seu meio, é modificada por ele.

## **2. As instituições de ensino**

Para melhor exemplificar o lugar da escrita na infância, apresentaremos uma pequena noção de como as instituições ainda hoje compreendem a criança. Sabendo que a Educação Infantil vem sofrendo várias mudanças ao longo dos últimos anos, mas o fato de entender a criança como sujeito social – pelo menos nos escritos e pesquisas – é bem recente.

Nas instituições, as rupturas com as antigas concepções sobre criança e seu processo de aprendizagem, ainda costumam acontecer, sendo um fenômeno lento, porém fundamental, que desencadeará resultados a longo prazo se for levado em consideração que com a fundamentação teórica usada pelos estudiosos da infância, maior processo já foi sofrido ao se colocar a criança e seu desenvolvimento como centro do interesse de professores e pesquisadores de infância.

Porém, a educação infantil além de assumir o papel de formar o indivíduo: seja físico, psico e cognitivamente, também traz em seu histórico a necessidade de inserir a criança no mundo letrado, ou seja, propiciando além do desenvolvimento integral, o desenvolvimento linguístico. De acordo com Kramer (1993, p. 13):



EDIÇÃO 15 – 1º SEMESTRE DE 2013  
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 30/06/2013  
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/07/2013



[...] a escola não modifica a sociedade, mas pode contribuir para a mudança se desempenhar o seu papel de ensinar criticamente, fornecendo os instrumentos básicos para o exercício da cidadania. A esse posicionamento político, aliamos o reconhecimento de que as crianças são pessoas que se desenvolvem psicologicamente, apresentando características próprias, no decorrer do seu desenvolvimento, do ponto de vista linguístico, sócio-afetivo, lógico-matemático e psicomotor. Consideramos, ainda, que no processo de desenvolvimento há influências marcantes do seu meio sócio-econômico e cultural, e que podem ser identificadas na medida em que se percebe a diversidade cultural que caracteriza nosso contexto social e, portanto, que existe em nossas escolas.

Concorda-se com a autora e destaca-se que de fato cada vez mais precocemente as crianças frequentam as instituições e delas os pais criam grandes expectativas, ou seja, expectativas geradas pelos pais e pela sociedade de quanto serão capazes de ler em menor tempo de estada na instituição. Quando não estão expostas a estas expectativas, correm o risco de receberem uma educação assistencialista, mais preocupada com o suprimento das necessidades de sobrevivência do que com a educação integral, que lhe é direito.

### **3. A construção do pensamento e da linguagem em Vygotsky**

Para início de discussão, cabe aqui destacar Oliveira (2005, p.137) que apresenta que para Vygotsky “a construção do pensamento e da subjetividade é um processo cultural, e não uma formação natural e universal da espécie humana”, isso quer que o ser humano usa e emprega signos e instrumentos que foram elaborados ao longo da história humana de acordo com um contexto social determinado, pois enquanto os animais agem e reagem de forma instintiva, o ser humano constrói instrumentos e relaciona-se com outros seres humanos usando signos para se comunicarem e estimularem diferentes funções mentais.

Essas interações com significações conscientes estão intimamente ligadas na formação das crianças, já que são com as experiências sociais e com seus parceiros adultos ou mais experientes que a elas apreendem as tarefas culturalmente estruturadas, apesar dos complexos significados as interações adulto-criança são tarefas conjuntas culturalmente elaboradas e em contínua transformação.

Formas de memorizar, de perceber e de solucionar problemas são desde o início da humanidade funções psicológicas que chamaram a atenção do pesquisador, e para análise deste processo que ele



EDIÇÃO 15 – 1º SEMESTRE DE 2013  
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 30/06/2013  
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/07/2013



desenvolveu o conceito chamado de “zona de desenvolvimento proximal”, Oliveira (2005, p. 138) afirma que segundo Vygotsky:

[...] a criança transforma as informações que recebe de acordo com as estratégias e conhecimentos por ela já adquiridos em situações vividas em outros parceiros mais experientes. A noção da zona de desenvolvimento proximal refere-se a distância entre o nível de desenvolvimento atual do indivíduo (ou seja, sua capacidade de apresentar uma ação independente de pistas externas – compreendendo, portanto, funções já maduras) e a capacidade de responder orientado por indicações externas a ele (ou seja, baseado em funções em processo de amadurecimento). Após operar com esses instrumentos externos, ou próteses (“muletas”) - gestos, instruções, questões, estratégias - , o indivíduo cria uma mediação semiótica interna e responde às situações com base em conceitos, imagens, habilidades e outros recursos.

Assim, acredita-se que o pensamento é formado na vida social, conforme as organizações dos ambientes habitados pelas crianças e dos objetos imersos nos contextos sociais que forneçam a elas o conhecimento, as técnicas, e, os motivos necessários para o desempenho das tarefas sociais, estes instrumentos materiais ou simbólicos modificam-se ou levam a criação de novos instrumentos.

A linguagem é um dos signos de grande importância dentro de um grupo social, adquiri-la constitui um processo significativo do desenvolvimento humano, pois os significados culturais estão determinados historicamente através da linguagem, já que exprime os valores selecionados pelo indivíduo que faz parte de determinado grupo social.

Oliveira (2005, p. 139) complementa afirmando que:

A emergência da linguagem verbal, de um agir comunicacional, via regular a atividade da criança pelo estabelecimento, por parte dos parceiros, de um acordo sobre os objetivos e as formas de ação, que podem ser então planejados e avaliados, tornando-se mais complexos. A aquisição de um sistema linguística dá forma ao pensamento e reorganiza as funções psicológicas da criança, sua atenção, memória e imaginação.

Sendo a linguagem de tão grande valia para o sujeito e para a sociedade na qual se encontra, estudos como o de Vygotsky em relação à linguagem e o pensamento são fundamentais para entender as estruturas do pensamento de uma criança e como ela assimila a linguagem como forma de comunicação com o mundo.



Rego (1995, p. 63) afirma que para Vygotsky:

[...] a relação entre o pensamento e a fala passa por várias mudanças ao longo da vida do indivíduo. Apesar de terem origens diferentes e de se desenvolverem de modo independente, numa certa altura, graças a inserção da criança num grupo cultural, o pensamento e a linguagem se encontram e dão origem ao modo de funcionamento psicológico mais sofisticado, tipicamente humano.

Portanto, são as relações das crianças com o grupo na qual ela está inserida que a tornam “comunicativa”. É pela fala, que se providencia os instrumentos de inserção, pois são as palavras um contato social, um dos primeiros executados pelas crianças. E é a fala uma habilidade especificamente humana, conforme Rego (1995, p. 63):

[...] a conquista da linguagem representa um marco no desenvolvimento do homem: “a capacitação especificamente humana para a linguagem habilita as crianças a providenciarem instrumentos auxiliares na solução de tarefas difíceis, a superarem a ação impulsiva, a planejarem a solução para um problema antes de sua execução e a controlarem seu próprio comportamento. Signos e palavras constituem para as crianças, primeiro acima de tudo, um meio de contato social com outras pessoas. As funções cognitivas e comunicativas da linguagem tornam-se, então a base de uma forma nova e superior de atividades nas crianças, distinguindo-as dos animais”.

Assim, a linguagem estrutura-se de acordo com a cultura e torna-se um instrumento que dinamiza o pensamento. As palavras apresentam significados variáveis e juntas em uma determinada sentença denotam a significância de um pensamento, pois a fala exterior ocorre em virtude de uma atividade psíquica interior, conforme complementa Rego (1995, p.65):

É interessante analisar com mais detalhes as explicações de Vygotsky sobre o processo de conquista da utilização da linguagem como instrumento de pensamento, que evidencia o modo pelo qual a criança interioriza os padrões de comportamento fornecidos por seu grupo cultural. Através de seus experimentos, pôde observar que este processo, apesar de dinâmico e não linear, passa por estágios que obedecem à seguinte trajetória: a fala evolui de uma fala exterior para uma fala egocêntrica, é entendida como um estágio de transição entre a fala exterior (fruto das atividades intersíquicas, que ocorrem no plano social) e a fala interior (atividade intrapsíquica, individual).

São mais complexas as operações psicológicas das estruturas da linguagem, quando a criança consegue ter a ideia de planejar, prever, comparar e deduzir. Conforme Rego (1995, p. 66) “ao aprender a usar a linguagem para planejar uma ação futura a criança consegue ir além das experiências imediatas”. Mas

não é somente através da aquisição da linguagem falada que a criança adquire formas mais complexas de se relacionar com o mundo que a cerca, já que a linguagem escrita representa um novo e considerável salto no desenvolvimento infantil. Porém, para se chegar a escrita, a criança antes desenha, e esta atividade apresenta características interessantes da analogia que existe da fala das crianças e os desenhos que produzem. Segundo Rego (1995, pl68):

[...] as crianças menores tendem a nomear seus desenhos somente após realizá-los e vê-los. A decisão do que serão é assim, posterior à atividade. Uma criança um pouco mais velha nomeia o seu desenho quando este já está quase pronto, e, mais tarde geralmente decidem previamente o que desenharão. Nesse caso, a fala é anterior a atividade e, portanto, dirige a ação. Quando a fala se desloca para o início da atividade, uma nova relação entre a fala e a ação se estabelece.

O planejar do que irá desenhar, especifica que a complexidade das funções psicológicas superiores, já admitem a associação de símbolos às palavras, parte importante da aquisição da criança que inserida num determinado grupo social, é levada a compreender estes símbolos em continuidade na aprendizagem da linguagem escrita. A linguagem escrita torna-se na maioria das sociedades, um processo complementar da linguagem falada. Rego (1995, p. 69) diz que:

A complexidade desse processo está associada ao fato de a escrita ser um sistema de representação da realidade extremamente sofisticado, que se constitui num conjunto de “símbolos de segunda ordem, os símbolos escritos funcionam como designações dos símbolos verbais. A compreensão da linguagem escrita é efetuada, primeiramente, através da linguagem falada: no entanto, gradualmente essa via é reduzida, abreviada, e a linguagem falada desaparece um elo intermediário. (VYGOTSKY, 1984, p. 131).” Sendo assim, o aprendizado da linguagem escrita envolve a elaboração de todo um sistema de representação simbólica da realidade. É por isso que ele identifica uma espécie de continuidade entre as diversas atividades simbólicas: os gestos, o desenho, e o brinquedo. Em outras palavras, estas atividades contribuem para o desenvolvimento da representação simbólica (onde signos representam significados), e, conseqüentemente, para o processo de aquisição da linguagem escrita.

O aprendizado é considerado, assim, um aspecto necessário e fundamental no processo de desenvolvimento das funções psicológicas superiores. Para Rego (1995, p. 71) Aprender a ler e escrever depende do aprendizado que realiza num determinado grupo cultural, a partir da interação com outros indivíduos da sua espécie:

[...] isto quer dizer que, por exemplo, um indivíduo criado numa tribo indígena, que desconhece o sistema de escrita e não tem nenhum tipo de contato com um ambiente letrado, não se alfabetizará. O mesmo ocorre com a aquisição da fala. A criança só aprenderá a falar se pertence a uma comunidade





EDIÇÃO 15 – 1º SEMESTRE DE 2013  
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 30/06/2013  
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/07/2013



de falantes, ou seja, as condições orgânicas (possuir o aparelho fonador), embora necessárias, não são suficientes para que o indivíduo adquira a linguagem.

Entendendo as atribuições que aprender a escrever e a ler têm nas sociedades em geral, foi que os estudos de Vygotsky tornaram-se tão importantes para os educadores de infância. Os processos de constituição da aprendizagem, desde então, vem adquirindo características que se aprimoram, conforme aprofunda-se os estudos na área da linguagem.

## CONCLUSÃO

É possível perceber que diante do apresentado nesse artigo, a criança tem um mundo inteiro a explorar e que não há necessidade em acelerar o processo de aquisição da escrita (não por meio da alfabetização sistematizada). A criança primeiramente irá apropriar-se de forma natural de tantas outras linguagens e naturalmente chegará a linguagem escrita, ou seja, sem que seja necessário “recortar” parte desse processo.

Como visto, o desenho tem papel fundamental no processo de aquisição da linguagem escrita, desse modo os desenhos devem deixar de ser interpretados como momentos de passa tempo nas instituições, mas sim como um momento que proporcionará a outras linguagens, ou seja, deve ser entendido o desenho como parte fundamental da escrita.

De nada adiantará a criança de forma precoce aprender a ler e escrever se não saberá como fazer uso da mesma, porém, direcioná-la a esse caminho de forma prazerosa é papel fundamental do professor, pois, esse por sua vez proporcionará momentos de leitura, desenhos, jogos, brincadeiras e entre outros, momentos esses que de forma natural proporcionarão o encontro da criança com a aquisição da escrita.

## REFERÊNCIAS

BRASIL, **Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil**. Brasília: MEC, 1998.

OLIVEIRA, Zilma Ramos de. **Educação Infantil: fundamentos e métodos**. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2005.



EDIÇÃO 15 – 1º SEMESTRE DE 2013  
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 30/06/2013  
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/07/2013



KRAMER, Sônia (org.) **Perspectivas para a educação infantil**. - 1ª ed. - Araraquara: Junqueira&Martin, 2005.

KUHLMANN JR, Moysés. **Infância e Educação Infantil: uma abordagem histórica**. 3ªed. Porto Alegre: Editora Mediação, 2004.

REGO, Tereza Cristina. **Vygotsky: uma perspectiva histórico-cultural da educação**. - 17ª ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1995.

SOARES, Regina Aparecida Marques de. **A relação professor/aluno diante do erro**: a visão dos professores das séries iniciais do ensino fundamental. Campo Grande, 1999. (Dissertação de Mestrado – universidade Federal de Mato Grosso do Sul).

VIGOTSKI, Lev Semenovich, LURIA, Alexander Romanovich e LEONTIEV, Alex N. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. São Paulo: Ícone, 1998.

VYGOTSKY, Lev Semenovich. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

VIGOTSKI, Lev Semenovich. **A formação social da mente**. 6ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998a.